

## **CASA COMO LAR: ENTRE DESCANSO E MOVIMENTO<sup>1</sup>** *HOUSE AS HOME: BETWEEN REST AND MOVEMENT*

**Tiago Rodrigues MOREIRA**

Doutorando em Geografia pelo Instituto de Geociências da  
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).  
E-mail: [t229845@dac.unicamp.br](mailto:t229845@dac.unicamp.br)

**Nelson Cortes PACHECO JUNIOR**

Doutorando em Geografia pelo Instituto de  
Geociências da Universidade Estadual de Campinas  
(Unicamp).  
E-mail: [n229211@dac.unicamp.br](mailto:n229211@dac.unicamp.br)

**Eduardo MARANDOLA JR.**

Professor Associado da Faculdade de Ciências Aplicadas  
(FCA), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).  
E-mail: [eduardo.marandola@fca.unicamp.br](mailto:eduardo.marandola@fca.unicamp.br)

### RESUMO

Pensar o habitar na contemporaneidade impõe compreender as transformações dos sentidos de casa no contexto dos atravessamentos da mobilidade e das obstruções à constituição do lar, em seu sentido fenomenológico. Neste sentido, a casa, como lar, se constitui entre repouso e deslocamento, demandando compreender dinâmicas que articulam dimensões geográficas e existenciais que se caracterizam pelo movimento e o descanso. Este artigo resgata duas contribuições geográficas da segunda metade do século XX (da Geografia Têmporo-Espacial de Hägerstrand e da Geografia Humanista de Seamon), momento de constituição das bases do habitar contemporâneo, buscando elementos para compreender sua tessitura ontológica, que nos provoca a repensar o habitar e a casa entre lugaridade e mobilidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Habitar; Mobilidade; Lugaridade; Geografia Têmporo-Espacial; Geografia Humanista.

### ABSTRACT

To think about dwelling in contemporary times requires understanding the transformations of the senses of house in the context of mobility issues and obstructions to the constitution of the home, in its phenomenological sense. In this sense, the house, as a home, is constituted between rest and displacement, which demands the understand of dynamics that articulate geographic and existential dimensions that are characterized by movement and rest. This article recovers two geographical contributions from the second half of the 20th century (from Hägerstrand's Time Geography and Seamon's Humanist Geography), a moment in which the bases of contemporary dwelling were

---

<sup>1</sup> Artigo produzido no contexto do Projeto MobEx: "Mobilidades contemporâneas: transformações na experiência de casa e de rua a partir da pandemia" (CNPq n. 407325/2021-2), sediado no Laboratório de Geografia dos Riscos e Resiliência (LAGERR) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

constituted, seeking elements to understand its ontological fabric, which provokes us to rethink dwelling and the home between place and mobility.

KEYWORDS: Dwelling; Mobility; Placeless; Tim Geography; Humanist Geography.

## INTRODUÇÃO

Pensar o sentido de lar associado à casa é um grande desafio, em especial pela força e resiliência da imagem da casa burguesa e seus valores (proteção, família, segurança, propriedade), a qual obstrui possibilidades de se conceber outros sentidos tanto de casa, quanto de lar.

Soma-se a este cenário o contexto da pandemia da COVID-19, que contribuiu para tensionar e desestabilizar estes sentidos, revelando tensionamentos associados a esta concepção moderna de casa, ligada aos espaços urbanos globalizados cujo parâmetro pressupõe uma dada conformação social e espacial. O período da pandemia, no qual a casa foi resignificada de diferentes formas, potencializou de uma maneira aguda estas reflexões, dado o movimento de repensar o estar em casa pelos sucessivos estranhamentos pelos quais fomos expostos durante o período de quarentena, marcados pelas náuseas da casa (MOREIRA; MARANDOLA JR., 2022).

A estes dois fatores, inclui-se o contexto de hipermobilidade contemporânea, marcado por reestruturações espaciais na forma das cidades e das aglomerações urbanas e suas relações com os espaços rurais (ASCHER, 1998), como expressão e meio da fluidez contemporânea, caracterizada pela rapidez e pelo dinamismo em todas as dimensões da vida social (BAUMAN, 2001; 2007). Tais transformações, amplamente documentadas e discutidas há pelo menos 30 anos, alçaram a mobilidade a fenômeno central para compreensão da experiência cotidiana contemporânea<sup>2</sup> (CRESSWELL, 2006; 2010), criando novos espaços da mobilidade. Segundo Levy (2001), estes contribuem no processo de horizontalidade dos seus sentidos a partir das identidades sociais, ou seja, a constituição da mobilidade pode ser evidenciada na relação social que traçamos a partir dos trajetos e lugares pelos quais (e nos quais) nos movemos.

Esta compreensão coloca a mobilidade no cerne do fenômeno do habitar, em seu sentido ontológico, tal como elaborado por Martin Heidegger (HEIDEGGER, 2018b). Habitar, como expressão do *Dasein*, não se refere à estática fixidez da construção do abrigo (a casa), mas implica o dinamismo do

---

<sup>2</sup> Quando elencamos o contemporâneo, nos reportamos à compreensão de Agamben (2009. 63), segundo o qual o “contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente”, ou seja, a contemporaneidade não é linear, pois ela acontece na físsura do tempo, entre passado e futuro.

ser-e-estar-no-mundo, em um sentido topológico e existencial (o lar) (MALPAS, 2000). Envolve uma dada corporeidade, bem como um horizonte de sentido que se projeta nas situacionalidades cotidianas, como ontologia (MARANDOLA JR., 2014).

Estar em casa, neste sentido, é encontrar-se ao mesmo tempo lançado e abrigado no mundo: uma condição existencial que denota simultaneamente movimento e repouso. Estes não se referem à mera extensividade, mas aos sentidos existencialmente experienciados, como constituição e abalo, identidade e diferença. Jan Patočka (1998; 2016), em sua fenomenologia a-subjetiva, destaca este sentido quando sinaliza os movimentos existenciais como constituintes de situacionalidade corpórea (fundados na intencionalidade), sugerindo o caráter dinâmico da experiência. Para o filósofo checo, a existência se dá para além do ôntico, em movimentos de enraizamento e de encontro com o outro (alteridade), borrando a rígida separação aristotélica entre mobilidade e imobilidade. O movimento adquire, portanto, um sentido existencial de primeira ordem, de dinamismo e imersão mundano de ação (pela trans-subjetividade) e de esfacelamento de um “eu” soberano que se arvora imune aos abalos.

O movimento existencial, neste sentido preconizado por Patočka, ultrapassa a dualidade materialidade/imaterialidade, o que implica lidar, ao mesmo tempo, com o deslocamento e o repouso como co-constituintes da existência. Neste sentido, esta ambivalência seria um dos desafios tanto para compreender os sentidos de casa, como lar, quanto para reconhecer a diversidade das situacionalidade nas quais estes sentidos se constituem mundanamente e que são expressos e vividos corporalmente.

Visando contribuir para esta dupla tarefa, este artigo resgata as contribuições de duas perspectivas da Geografia que, nos anos 1960-70, inauguraram propostas de compreensão dos lugares (como repouso) a partir de seu dinamismo (como movimento), o que resultou em primícias para os estudos que nos últimos 15 anos assumiram a mobilidade como central para compreender a sociedade contemporânea (URRY, 2007). Trata-se da Geografia Têmporo-Espacial do sueco Torsten Hägerstrand e da Geografia Humanista do estadunidense David Seamon. Em ambos os casos, a discussão leva os autores a tocarem os sentidos do habitar, em um mundo em transformação que lançava, à época, as bases para aquilo que globalmente experienciamos hoje.

Os anos do pós-guerra foi um momento chave na configuração das transformações sociais e espaciais que levaria o mundo ao contexto globalizado e de profunda integração tal como vivenciamos hoje. A década de 1970 é marcada pela consolidação do interesse pelas questões ambientais, de um lado, e comportamentais, de outro. Estas duas preocupações se cruzam nos debates em torno do planejamento, que têm grande influência nos estudos geográficos, de maneira particular, e das Ciências Sociais e do Urbanismo, de maneira mais geral. Debates envolvendo a questão do habitat, por exemplo, incluem a crescente individualização dos processos sociais, como as escolhas residenciais e de meios de

deslocamento, o que alimentaria justamente o cenário contemporâneo em que vivemos a dissociação casa-trabalho possibilitada pelas tecnologias de comunicação e de transporte (ASCHER, 1998).

Os estudos que deram sustentação às tendências e necessidades de planejamento urbano e regional haviam consolidado a necessidade de considerar o papel das comunidades, bairros e grupos étnicos, trazendo suas questões identitárias associadas ao lugar para as práticas de planejamento (como os clássicos da Escola de Chicago). Anne Buttimer (2015) mostra como tais perspectivas, no entanto, flertavam com a romantização da pobreza e uma espécie de justificação de condições estruturais desiguais, em especial por terem seus discursos interpretados em uma linguagem newtoniana (de conteúdo e continente, essencializados), ao passo que os planos econômicos e políticos se davam em um mundo einsteiniano, ou seja, de um espaço e de um tempo alicerçados em processos topológicos dinâmicos e relativos.

É neste contexto que a perspectiva fenomenológica se apresenta como renovação dos estudos de lugar, como nos trabalhos de Edward Relph (1976), Anne Buttimer (1972; 2015) e Yi-Fu Tuan (1974, 1975, 1977), na Geografia, ou Kevin Lynch (1960) e Christian Norberg-Schulz (1979), na Arquitetura, para citar apenas alguns. A busca por alternativas para o planejamento tinha como fundo duas questões orientadoras nos anos 1950-1960 (JACOBS, 1961; GOTTIMAN, 1961): de um lado, a habitação e a habitabilidade (como construir cidades e casas que permitam construir identidade, segurança e qualidade ambiental), e de outro, pensar cidades que haviam se tornado regiões, o que implicava a necessidade de integrar áreas cada vez maiores e mais distantes entre si, em um cotidiano que garantisse ao mesmo tempo a qualidade ambiental e a qualidade de vida.

Estas questões em comum estão no bojo daquilo que deu origem tanto à Geografia Têmporo-Espacial quanto à Geografia Humanista, ambas compartilhando a relação com os estudos comportamentais, a percepção ambiental e os estudos de lugar com base na imagem da cidade (HOLZER, 2016), embora com uma distância visível em relação ao aporte fenomenológico: ausente na primeira (embora com uma articulação potencial) e base da segunda. Em vista disso, o resgate de tais contribuições permite alimentar a reflexão em torno da casa enquanto lar, como articulação entre lugaridade e mobilidade, a partir de um contexto problemático comum, alguns aspectos conceitos compartilhados, mas com perspectivas distintas de enfrentamento. No caso deste artigo, no entanto, tais diferenças serão trazidas para uma compreensão fenomenológica do habitar contemporâneo a partir do movimento em seu sentido existencial.

**MOVIMENTO, DESCANSO E ENCONTRO: O LUGAR NA FENOMENOLOGIA DE DAVID SEAMON**

*O que na forma mais essencial é o homem com um ser geográfico?*<sup>3</sup>

David Seamon (1979, p.16)

A epígrafe que abre esta seção é, no mínimo, intrigante: como podemos responder a tal questão? Teríamos uma ou variadas respostas para tal questionamento? Talvez, não tenhamos nenhuma. Visando um esforço para refletirmos sobre tal tema e como este se relaciona com a questão do lugar, abordamos os trabalhos do geógrafo americano David Seamon (1948-), geógrafo e docente de Arquitetura na Kansas State University, em Manhattan (EUA), cuja obra possui como focos principais a estética, o comportamento ambiental e a importância do lugar. Nesse sentido, destacamos neste artigo o seu livro “The Geography of the Lifeworld. Movement, Rest and Encounter”, originado de sua tese de doutorado defendida em 1977, no qual o autor privilegia como preocupação as ligações entre a fenomenologia e a constituição dos lugares, elegendo três temas principais que atravessam o debate: o movimento, o descanso e o encontro.

Seamon (1979) exprime a imersão do ser humano no mundo geográfico, destacando dois pontos que orientam sua abordagem. O primeiro se refere à relação das experiências e dos comportamentos cotidianos das pessoas associadas aos lugares onde vivem e transitam. O segundo, se refere à busca por determinados padrões que simbolizam as relações comportamentais e experiências com o mundo geográfico no cotidiano.

Ao refletir em relação ao lugar, Seamon (2018), apresenta que nele se reúnem experiências humanas, ações e significados espaciais e temporais, que são forjadas mediante a nossa vivência cotidiana e das interações com os outros. As relações entre as pessoas, a partir do compartilhamento das experiências vivenciadas, contribuem para expor o dinamismo que constitui os lugares, tornando-os mutáveis. Esta situação reforça a importância do nosso modo de ser na constituição de um dado lugar, pois a vivência, em si, não se desdobra de maneira estática, mas em constante movimento no dia a dia. A condição descrita reverbera quando do transparecer de uma variada gama de sentimentos das pessoas em relação aos lugares, podendo ser apreciados, amados e cuidados, mas que, em contrapartida, também podem ser desapreciados ou mesmo odiados (SEAMON, 2017).

---

<sup>3</sup> Tradução livre de: “What in most essential form is man as a geographical being?”.

Tais movimentos são dependentes das relações e sentimentos experienciados no cotidiano, o que reforça a importância da situacionalidade (MARANDOLA JR., 2021). Nossa vivência dos lugares também é atravessada pelo outro, contribuindo para seu adensamento ou não.

Essa conexão se desvela devido à indissociabilidade entre o lugar e as pessoas, pois é impossível pensar uma dada experiência sem considerar a presença corporal, reflexão essa notadamente influenciada, como pontua o próprio Seamon, pelo pensamento de Maurice Merleau-Ponty. Em vista disso, o Seamon (1979; 2018) afirma que o ser humano é sempre ser humano em um lugar.

Assim, adentramos na abordagem elaborada em “A Geography of the Lifeworld. Movement, rest and encounter”, a qual está articulada em fenômenos relacionados que constituem a geografia do mundo-vivido: o **movimento**, o **descanso** e o **encontro**.

Ao abordar o **movimento**, Seamon (1979) traz a importância do papel do corpo, do hábito e da rotina cotidiana no lugar. Ele entende este como um fenômeno duradouro e que ocorre nas mais variadas escalas, no qual as coisas e todas as formas vivas estão envolvidas em um movimento, seja ele constante ou periódico.

Quando pensamos esse deslocamento espacial no cotidiano, por exemplo, podemos nos referir ao movimento cotidiano dos trabalhadores deslocando-se da casa para o trabalho e vice-versa. Essa vivência cotidiana que envolve o estar presente entre vários locais diferentes e se relacionar com outras pessoas contribui para compreender o movimento cotidiano como uma experiência (SEAMON, 1979). Ao abordar o movimento como um dos temas relacionados à fenomenologia do lugar, o autor considera a corporeidade, no âmbito pessoal, do deslocamento.

O segundo fenômeno proposto por Seamon (1979) refere-se ao **descanso**, reflexão que contribui para o entendimento em relação à identificação das pessoas com determinados lugares. O autor pontua a importância de tal abordagem, pois “o descanso torna-se crucialmente importante para os organismos móveis, incluindo o homem, porque proporciona um tempo de inatividade e silêncio no qual as peças desgastadas são reparadas e as energias esgotadas são restauradas<sup>4</sup>” (SEAMON, 1979, p. 69).

Esse tempo de inatividade não significa que o descanso seja destituído do caráter de experiência, ao contrário, pois ele se relaciona ao fazer da pessoa, quando esta tem contato relativamente fixado com e no lugar por um determinado período de tempo. Essa vivência pode conduzir ao apego a um lugar ou mesmo a variados lugares, como aborda Seamon (1979, p. 69-70), ao mencionar um grupo de pessoas que participaram da pesquisa, “Os participantes dos grupos de experiência ambiental descreveram

---

<sup>4</sup> Tradução do livre de: “Rest becomes crucially important for mobile organisms, including man, because it provides a time of inactivity and quiet in which worn parts are repaired and depleted energies restored”.

experiências de descanso em lugares tão variados como cidade, bairro, casa e quarto. Eles descreveram a regularidade do uso do lugar ao apego emocional pelo mesmo<sup>5</sup>.

Esse apego emocional, como apresentado, pode envolver diversos lugares em seus mais variados aspectos, sejam eles de trabalho, de lazer, religiosos entre outros. De todos os lugares que possamos vivenciar, Seamon (1979), aborda que a **casa** se constitui na estrutura experiencial essencial do descanso.

Ao pensarmos no descanso, David Seamon, nos conduz a refletir na relação lugar e territorialidade, a partir de dos escritos de Edward Soja (1971, p.19), no qual este:

[...] é um fenômeno comportamental associado à organização do espaço em esferas de influência ou territórios claramente demarcados que se tornam distintivos e considerados pelo menos parcialmente exclusivos por seus ocupantes ou definidores. Sua manifestação geográfica mais óbvia é um padrão identificável de relações espaciais que resultam no confinamento de certas atividades em áreas específicas e na exclusão de certas categorias e indivíduos do espaço do indivíduo ou grupo territorial.<sup>6</sup>

Partindo dessa premissa, a demarcação e o confinamento, nesse caso, possuem relação com o descanso, pois estabelecer um lugar e manter-se nele são fatores que podem contribuir para a possibilidade do apego que permite o descanso. Essa relação, segundo Seamon, atravessa diversas sensações que possuímos e no cotidiano como o medo, a busca por proteção, a exclusividade do lugar como nosso e a preservação.

Assim, a territorialidade relacionada à casa, conduz ao entendimento em relação à mesma como lar, caracterizada pela habitabilidade (qualidade própria de lar, *homeness*) (SEAMON, 1979). Na abordagem de Seamon (1979), o lar emerge como lugar de proteção, de defesa, no qual as pessoas buscam, mediante a sua maneira de cuidar a sua “parte” do mundo, de maneira criativa e carinhosa, o que ode gerar um sentimento de conforto.

Com isso, o lar possui uma força primordial e motivadora para o crescimento pessoal e social para quem o habita, questão essa que reforça a importância do habitar para a nossa situação como seres-situados, abordada por Heidegger (2018b, p.137), quando afirmam: “a referência do homem aos lugares e através dos lugares aos espaços repousa no habitar. A relação entre o homem e o espaço nada mais é do que um habitar pensado de maneira essencial”.

<sup>5</sup> Tradução livre de: “Participants in the environmental experience groups described experiences of the rest in such varied places as city, neighborhood, house and room. They described regularity of place use and emotional attachment to place”.

<sup>6</sup> Tradução livre de: “[...] is a behavioral phenomenon associated with the organization of space onto spheres of influence or clearly demarcated territories which are made distinctive and considered at least partially exclusive by their occupants or definers. Its most obvious geographical manifestation is an identifiable patterning of spatial relationships resulting in the confinement of certain activities in particular areas and the exclusion of certain categories of individuals from the space of the territorial individual or group”.

Esse habitar remete ao descanso propiciado pelo “estar em casa” próprio do lar, associado ao enraizamento, à apropriação, à regeneração e ao calor, em seu sentido essencial de abrigo (NORBERG-SHULZ, 1979). Essa afinidade emotiva, são fatores fundantes para que a pessoa possa considerar um lugar como seu, buscando se conectar a ele.

Dentre as características citadas anteriormente, destacamos o enraizamento, pois como apresenta Seamon (1979, p. 78), “o enraizamento é o poder do lar de organizar o estrato corporal habitual do espaço vivido da pessoa. Literalmente, a casa enraíza a pessoa espacialmente, proporcionando um centro físico para partida e retorno<sup>7</sup>”. Essa relação de enraizamento estabelecida com o lar, não se limita a um ponto geométrico de partida e de retorno dos deslocamentos diários. Há uma intensividade, um deslocar-se no lugar, que permite um situar-se estabelecido: “A familiaridade corporal se estende dentro do lar, estabelecendo lugares para as coisas e regularidade temporal para as atividades. A pessoa que está em casa pode mover-se fluidamente através da habitação, porque o corpo-sujeito conhece esse espaço intimamente<sup>8</sup>” (SEAMON, 1979, p. 79) .

Seamon (1979, p. 79) remete à dança, buscando ampliar o sentido de lar para o lugar que inclui mais que a casa, como constructo, mas o bairro e a cidade: “balés corporais e rotinas de tempo-espaço estão intimamente associados ao lar. Rituais como acordar, arrumar, vestir-se e cozinhar tem um tempo e lugar específicos rotineiros dentro de casa<sup>9</sup>”.

Nesse sentido, o nosso movimento diário, atrelado à experiência do estar no lugar, por meio do descanso, se tornam indissociáveis considerando a articulação com o movimento como essência do lugar. Descanso e movimento se articulam na dança-do-lugar, como uma coreografia de corpos que constituem um ritmo próprio à vivência, de maneira compartilhada.

Por último, Seamon (1979; 2018), apresenta o **encontro**, afinal, como pensar a nossa existência sem o outro? Heidegger (2018a) aborda essa questão quando considera a constituição do *Dasein* a partir do ser-em e do ser-com. Sendo assim, é a partir do encontro que temos a possibilidade cotidiana de vivenciar com o outro, como aborda Seamon (2018), sendo esta qualquer situação de contato atento entre a pessoa e o mundo à mão. Tal fato é permeado pelas relações interpessoais, que se relacionam a diferentes aspectos tais como: o humor, as experiências e ao conhecimento (SEAMON, 1979).

<sup>7</sup> Tradução livre de: “Rootedness is the power of home to organize the habitual, bodily stratum of the person’s lived-space. Literally, the home roots the person spatially, providing a physical centre of departure and return”.

<sup>8</sup> Tradução livre de: “Bodily familiarity extends within the home, establishing places for things and temporal regularity for activities. The person who is at home can move fluidly through the dwelling because body-subject knows that space intimately”.

<sup>9</sup> Tradução livre de: “Body ballets and time-space routines are intimately associated with home. Rituals such as waking, grooming, dressing and cooking have a particular routinised time and place within the home”.



Ressalta-se que o encontro, enquanto fenômeno, não se reduz a apenas um tipo de experiência, mas a várias, que ocorrem no contexto do mundo vivido, que se constitui no contexto da vida cotidiana, onde através do qual, as pessoas conduzem rotineiramente a sua existência (SEAMON, 1979).

Com isso, David Seamon, em sua abordagem, reforça a importância de se pensar fenomenologicamente o lugar, pois é nele que a nossa vivência transcorre. **Movimento, descanso e encontro**, são três temas que não se excluem, ao contrário, é a partir da indissociabilidade dos três que podemos refletir, seja em casa ou na rua, a importância da nossa condição situada no lugar.

## HÄGERSTRAND E A GEOGRAFIA TÊMPORO-ESPACIAL

*Se algo acontece, leva tempo. Se não  
leva tempo, não está a acontecer.<sup>10</sup>*

Bo Lenntorp (2003. p. 6)

Para a geógrafa humanista Anne Buttimer, a força do pensamento de Hägerstrand centrava-se na perspectiva da investigação do dinamismo do cotidiano. Ou seja, o arranjo do modelo geográfico têmporo-espacial por ele proposto conseguia estabelecer vínculos dos movimentos do cotidiano em relação aos lugares (BUTTIMER, 1976).

o papel fundamental de Hägerstrand foi o de apontar a importância do tempo e da finitude dos povos na análise geográfica. Por mais que o entendimento da experiência humana não possa ser reduzido à geometria, o ponto de vista fenomenológico, segundo a autora, supõe que o espaço é um conjunto dinâmico em que o corpo-sujeito se desloca e busca significado (BUTTIMER apud GOMES, 2018, p. 10).

Buttimer (1976) estabelece um diálogo com a Geografia Têmporo-Espacial pois acreditava que, por meio dela, as investigações do dinamismo cotidiano poderiam ser trabalhadas por meio do movimento e das atividades provocadas por ele. Desse modo, para Buttimer (1976), incluindo a fenomenologia seria possível compor esses espaços temporais individuais, que são desvelados a partir da experiência cotidiana dos caminhos feitos.

Essa articulação entre as geografias de Buttimer e de Hägerstrand abre caminho para um olhar fenomenológico das biografias de vida em suas múltiplas trajetórias. Para isso, retornamos as contribuições da Geografia Têmporo-Espacial, que carrega consigo a tarefa da investigação não da teoria em si, mas do caráter ontológico da formação da teoria (HÄGERSTRAND, 1985).

<sup>10</sup> Tradução livre de: “If something takes place, it takes time. If it does not take time, it is not taking place”.

Torsten Hägerstrand (1916-2004) foi professor da Universidade de Lund, na Suécia, tendo defendido sua tese de doutorado “Innovation Diffusion as a Spatial Process” (1953), traduzida para o inglês em 1967, por Alan Pred, articulando seus temas de início de carreira: migração, difusão cultural e de inovação. Este trabalho seminal lançou as bases para o campo da geografia ainda pouco debatido (mesmo hoje): a importância do tempo nos percursos de vida das pessoas.

Os anos pós-guerra marcaram na Geografia um espaço de difusão e de inovação frente aos desafios do neopositivismo que se consolidou como perspectiva predominante dos estudos geográficos. Neste contexto, Hägerstrand inicia um percurso para uma nova abordagem, levando em consideração os ritmos da vida, ou seja, o cotidiano das atividades diárias.

No texto “Temporalizando o espaço e espacializando o tempo”, Christofletti (1979) argumenta que o modelo da Geografia Têmporo-Espacial tem como premissa trazer o tempo para o contexto da Geografia, propiciando assim um elo entre o espaço e tempo a partir das trajetórias cotidianas dos indivíduos. Para Christofletti (1979, p. 114), “o grande potencial do modelo têmporo-geográfico, não só para ultrapassar as tendências internas da Geografia, mas também servir de ligação num verdadeiro diálogo interdisciplinar para a compreensão da realidade”.

Nesse sentido, para Hägerstrand, os caminhos de vida são atravessados pelo espaço-tempo, e que compõe o movimento do existir humano, fazendo com que cada pessoa em sua trajetória de vida possa exercer uma geografia-temporal a partir dos caminhos de vida (BUTTIMER, 2007). O autor apresenta, assim, uma perspectiva disruptiva com a Geografia predominante à época, compreendendo o espaço e o tempo em outro marco que não o neokantiano, mas como expressão intensiva da trajetória e dos movimentos dos indivíduos.

O tempo é um elemento crucial e fundante na constituição da existência dos indivíduos, no modelo hägerstrandiano, devido ao seu caráter contínuo e indefinido, compondo a existência, como possibilidade de sequenciar os eventos e forjar as escolhas, abrindo espaço para a liberdade individual. É neste sentido que a noção de biografia dos lugares, a partir da liberdade e da autonomia promovida pelos projetos de vida, se apresenta como articuladora dos movimentos cotidianos no espaço urbano-regional.

A abordagem tempo-geográfica centra-se nos indivíduos. Destaca a forma como estes utilizam os seus conhecimentos, objetos e ferramentas. E investiga a forma como estão envolvidos em relações sociais e realizam atividades no ambiente físico do mundo real. A abordagem estuda a forma como as pessoas utilizam estes recursos para realizar atividades relacionadas com os desejos e as vontades do próprio indivíduo.<sup>11</sup> (ELLEGÅRD, 1999, p. 167).

<sup>11</sup> Tradução livre de: “The time-geographical approach focusses on individuals. It highlights how they use their knowledge, objects and tools. And it investigates how they are involved in social relations and perform activities in the physical real-world environment. The approach studies how people use these resources in order to perform activities related to the wants and wishes of the individual him/herself” (ELLEGÅRD, 1999, p. 167).

Este componente – a liberdade – é fundamental, pois o autor está trabalhando com processos de tomadas de decisões articulados pela percepção e por modelos de racionalidade que possuem na experiência e na trajetória de vida suas bases. Hägerstrand (1978; 1985) assume assim, que a composição da Geografia Têmporo-Espacial se dá pelas biografias de vida dos indivíduos em suas totalidades, compostas tanto de experiências (imaterialidade) quanto de eventos observáveis (materialidade), enfatizando a interação entre corpo e os fenômenos ambientais. Essa seria a principal tarefa da abordagem biográfica: compreender a correspondência entre o indivíduo e o ambiente, por meio do diálogo, na transferência de saberes e eventos espaço-temporalmente constituídos e significados.

A ênfase de Hägerstrand na corporeidade se baseia na existência cotidiana e mundana. Ele salienta que “o toque é tão básico para o que se passa no mundo físico, que nós normalmente não reconhecemos na totalidade, o que é meio para a configuração dos fenômenos dentro e à nossa volta”<sup>12</sup>.

A figura 1 apresenta a rotina da semana de uma família sueca com os progenitores e duas crianças. Os adultos trabalham durante o dia e uma das crianças está na escola (ELLEGÅRD; LENNTORP, 1993, p. 25). O diagrama deslinda o cotidiano dessa família e as trajetórias que cada um faz durante o dia, reverberando os determinados movimentos em três dimensões, expressando tempo e espaço ao mesmo tempo.

Este tipo de representação busca outra cartografia do movimento, relacionando as atividades cotidianas aos deslocamentos e aos lugares, demarcando ao mesmo tempo os trajetos, as ações e a articulação de um determinado indivíduo ou grupo. O que está em jogo no modelo têmporo-geográfico, é a proximidade com a cotidianidade do mundo vivido. Na verdade, o que Hägerstrand provoca na Geografia é a possibilidade de tensionar a dialética -tempo-espaço pela trajetória dos sujeitos. A busca do autor foi calcada na investigação do agenciamento do tempo em relação ao espaço na vida cotidiana.

Decerto, o que dá corpo à proposta de Hägerstrand é a possibilidade de identificar o que está presente e ausente a partir das trajetórias de vida (LENNTORP, 2003). Ou seja, é pelas biografias dos lugares que conseguimos investigar os movimentos, não apenas pelo que se mostra como efetivo (presença), mas também pelos silêncios (ausências), até pela dimensão temporal que se constitui na forma de projeto. Por projeto, Hägerstrand entende o conjunto de decisões tomadas por cada um ao estabelecer relações diárias com os lugares e espaços. Neste projetar, a trajetória individual se conecta com as biografias dos lugares, marcando o caminho por sentidos que marcam a experiência vivida. Como projeto, este não evita que possíveis incongruências ao longo do caminho possam surgir, cabendo a cada um

<sup>12</sup> Tradução livre de: “touch is so basic for what is going on in the physical world that we fail to recognize in full what it means for the configuration of phenomena within and around us”.

delinear os limites de suas trajetórias (LENNTORP, 2003). Por isso, a liberdade e a escolha estão atreladas a esse projeto de constituição de individualidade que não deixa de também ser coletiva. Hägerstrand identifica que essas trajetórias compõe uma teia confusa (no sentido da ordenação) de existências em relação aos projetos.

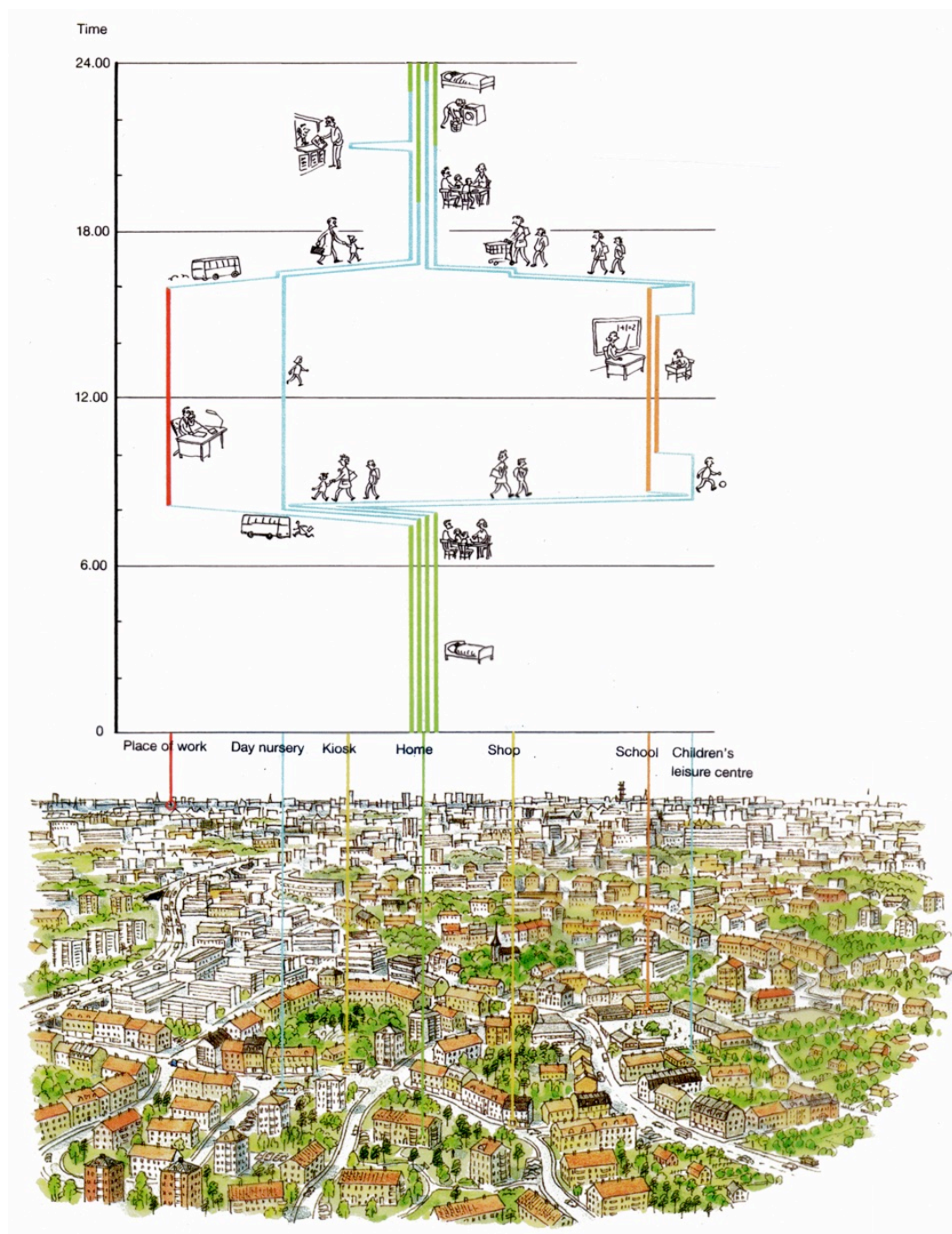


Figura 1: Um dia de semana de uma família sueca com adultos e duas crianças  
 Fonte: Ellegård; Lenntorp (1993, p. 25)

A cada caminho pensado e feito, seja em relação à casa, ao trabalho, à escola, à vizinhança ou às redes de contato de lazer, cabe ao indivíduo escolher o trajeto, pois cada um estará sujeito a um possível limite em seu destino.

É neste sentido que trouxemos como epígrafe da seção a reafirmação do vínculo espaço-temporal: tudo acontece têmporo-espacialmente, o que não implica remeter o prisma da ação para um contêiner depositário de sentidos e significados (LENNTORP, 2003). Os ritmos, que são individuais e coletivos, expressam a intrínseca relação do espaço-tempo.

A noção de ritmo é central para Buttimer (1976) reconhecer em Hägerstrand possibilidades de articulação com a fenomenologia e os estudos do dinamismo do mundo vivido. O ritmo em Hägerstrand desponta como o próprio ciclo de vida, ou seja, uma biografia rítmica se estabelece enquanto manifestação das escolhas ao longo da vida. E assim sendo, que a dança-do-lugar de Seamon (1979) foi elaborada, seguindo os contornos da cotidianidade em fluxos rítmicos no seio das biografias de vida.

Tal importância é comedida e salientada por Pred (1982) que argumenta que no modelo têmporo-espacial, há dois sistemas que se interagem mutuamente: um remete intimamente às trajetórias de vida individuais, enquanto o segundo se refere aos feixes de atividades que cada indivíduo consegue ou não ter acesso. Tudo isso para que a sociedade possa ser vista como um completo fluxo de tráfegos com congestionamentos que são ocasionados pelo cotidiano.

Hägerstrand (1975a), em “Space, time and humans conditions”, apresenta algumas condições básicas que remetem ao contexto do cotidiano que conduzem as trajetórias de vida, fortalecendo os limites para os sistemas organizacionais da sociedade. Ele destaca, por exemplo, que toda atividade ou tarefa possui uma duração, remetendo à contingência e à finitude, bem como aos contornos temporais das atividades cotidianas. No diagrama (figura 1) espaço-temporal, estas durações são expressas pelas mudanças de direção das linhas, as quais implicam o repouso que, por sua vez, também possui sua duração (como horizontalidade no diagrama). A articulação

Um outro elemento que Hägerstrand (1975b) elabora é o de fato de que toda situação está inevitavelmente ligada por uma raiz histórico-temporal. Ou seja, o passado se refere a uma possibilidade de construção do futuro e do presente, mas não como uma métrica temporal, e sim, a partir das próprias trajetórias de vidas e biografias dos lugares, o que reforça o entrelaçamento, em sua perspectiva, do individual com o coletivo (HÄGERSTRAND, 1974; 1998).

Esta integração, no entanto, não se dá por meio de uma abordagem composicional. Esta considera que a atividade humana é dividida em categorias gerais com base em princípios de semelhança. Hägerstrand, no entanto, utiliza uma abordagem contextual, na qual os elementos principais são as situações desenvolvidas em contextos de tempo-espaço e sequências de atividades humanas em

colaborações. Vivemos as nossas vidas em estreita proximidade tanto com outras atividades humanas como seres não humanos. Estes cenários não podem ser inequivocamente ou facilmente quebrados em pedaços, classificados e estudados isoladamente.

Lenntorp (2003) sintetiza três características principais para compor a geografia temporal, a saber:

- Constitui uma base para uma perspectiva geográfica geral;
- Representa uma estrutura de pensamento, que tenta consolidar as perspectivas espaciais e temporais de diferentes disciplinas;
- Não é uma área temática em si, ou uma teoria no seu sentido restrito, mas sim uma tentativa de construir uma ampla estrutura de pensamento.

Esta perspectiva aponta para a vocação interdisciplinar da Geografia Têmporo-Espacial, trabalhando contra a fragmentação disciplinar do conhecimento para promover tanto uma maior sintetização do conhecimento como a construção de abordagens para uma interação interdisciplinar mais circunscrita.

Essa provocação erigida por Hägerstrand entre anos 1960 e 1970 demarca e configura um campo de atuação e de interlocução para com as demais áreas do conhecimento da época e no decorrer de sua temporalidade. Nessa clivagem interdisciplinar, a proposta do modelo da Geografia Têmporo-Espacial se fortalece pois, com ela, podemos arrolar a permanência e a busca pelas biografias dos lugares, o incentivo às trajetórias de vida, a posicionalidade da situação temporal, a relação entre ausência e presença, a potência da liberdade e do entendimento dos limites, a duração das atividades como processo de totalidade e finitude, abrindo possibilidades para pensar a centralidade e complexidade do movimento para a Geografia e os lugares.

## **LUGARIDADE E MOBILIDADE: A CASA COMO LAR**

Que possibilidades de habitar as geografias de Hägerstrand e de Seamon aludem?

A Geografia Têmporo-Espacial de Hägerstrand abre possibilidade de pensar os caminhos cotidianos, as trajetórias e biografias de vida, de maneira entrelaçada com as decisões individuais (liberdade) e as estruturas de organização da vida social. A temporalidade, como horizonte existencial, pode ser assim articulada às decisões de habitabilidade, bem como os desenhos dos espaços de vida compostos por meio das múltiplas trajetórias. A mobilidade é antevista nas entrelinhas, manifesta pelas trajetórias e biografias de vida dos indivíduos, pois, os momentos espaço-temporais estão fundados e, ao

mesmo tempo, compostos por mobilidades e lugares, atravessados e conectados pelos trajetos /deslocamentos cotidianos.

A Geografia Humanista de Seamon, por seu turno, oferece possibilidades para se pensar o lugar a partir da vivência cotidiana, na qual é fundamental o estar-junto-ao-outro e o descanso, por meio de uma dança de corpos que constitui uma dança-do-lugar: uma coreografia social e existencial que dá vida e sentido aos lugares. A abordagem de Seamon desdobra e adensa a dimensão existencial das biografias e trajetórias, permitindo compreender que os lugares são articulados pelos deslocamentos corpóreos, constituindo uma geografia vivida, experienciada, que não implica apenas a subjetividade, mas também os processos sociais e de conformação dos espaços públicos e domésticos.

Em ambos os casos, podemos pensar o movimento para além do deslocamento físico, compreendido em seu sentido existencial (material e imaterial). O movimento, enquanto deslocamento e repouso ao mesmo tempo, pode ser assim vislumbrado nas duas perspectivas como expressão de lugaridades (como a constituição de sentidos de lugar no repouso e no deslocamento) e de mobilidade (que também se mostra no lugar, e não apenas nas trajetórias). A indissociabilidade espaço-temporal do movimento está expressa em ambas as perspectivas pelo ritmo, que converte a morfologia espacial em morfologia existencial, modulando as dimensões individual e coletiva em uma experiência que, enquanto tal, expressa mais os modos-de-ser do que sujeitos territorializados. Movimento, descanso e encontro, de um lado, e trajetórias de vida e biografias de lugares, de outro, revelam geografias vividas de uma morfologia existencial cujo dinamismo é a expressão das possibilidades do habitar contemporâneo.

A casa seria, neste contexto, um dos lugares de descanso, que resguarda, mas que só pode ser significado em suas relações com o conjunto dos trajetos espaço-temporais cotidianos. A possibilidade da casa ser lar não está simplesmente em seus atributos internos, ou seja, o repouso, mas na relação com o deslocamento, como movimento, como trajetória biográfica e também como encontro.

Estas perspectivas têm se mostrado fecundas em uma perspectiva fenomenológica, fundada na corporeidade do ser-no-mundo entre o descanso e o movimento, como fenômeno que se articula a partir da corporeidade, sendo fundante da “estruturação do cotidiano das pessoas, compondo sua própria essência. Ela é, portanto, corporal e social” (MARANDOLA JR., 2014, p. 104). Jean Brum (2017) salienta a importância de arrolarmos a proximidade dos fenômenos – mobilidade e lugar a partir das relações de experiência que temos com os mesmos, chamando a atenção o desafio de “desvelar a complexa relação da produção de sentidos de lugar pelo movimento” (BRUM, 2017, p. 115).

No entanto, ser lar não implica que a casa seja sinônimo de proteção. O próprio contexto da pandemia do COVID-19 contribuiu para problematizar esta vinculação trivial oriunda de uma determinada compreensão de casa contraposta aos riscos e à vulnerabilidade da rua (VAZ, 2022). Moreira

et al (2020) revelam a crueza e a violência vivida por mulheres confinada às “quatro paredes” durante a pandemia, não como um retrato momentâneo, mas como expressão dos sentidos do habitar historicamente reificados.

Podemos pensar, desta maneira, que o problema não esteja na concepção de lar, mas na concepção de existência. Se compreendermos movimento a partir da perspectiva de Patočka (1998), o lar é constituído não apenas pela proteção ou pelo aconchego, mas também pelos abalos e por aquilo que tensiona e coloca em xeque a própria existência. A casa, como lar, constitui essa teia cotidiana de deslocamentos e lugares de descanso, só fazendo sentido nas suas múltiplas relações rítmicas que são mais complexas do que oposições simples como pausa e movimento, como interioridade e exterioridade, ou como risco e proteção.

Embora os autores selecionados não tenham dado ênfase ou destaque aos riscos e aos abalos, suas geografias permitem compor uma dinâmica cotidiana multifacetada cuja centralidade está na experiência e na articulação entre particularidade e coletividade. Pensar o habitar contemporâneo exige aprofundar tais sendas, especialmente nas implicações do movimento e nos impedimentos e obstruções que determinadas corporeidades possuem à autonomia de suas formas de ser-no-mundo.

Podemos, portanto, pensar o sentido de habitar como uma emergência da casa como lar, como movimento existencial, o que nos coloca em outra direção em relação à noção de habitação da casa burguesa. Enquanto modo-de-ser, expressa o descanso e o deslocamento em sua existencialidade.

O desafio de pensar movimento e descanso emerge da nervura da lugaridade e da mobilidade, como constituintes do mesmo fenômeno articulado: o habitar.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Trad. Vinicius Nicastro Honesco. Chapecó: Argos, 2009.

ASCHER, François. *Metapolis: Acerca do futuro da cidade*. Trad. de Álvaro Domingos. Oeiras: Celta, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BRUM, Jean. L. S. Por uma interpretação humanista da relação entre lugar e mobilidade. *Geosp – Espaço e Tempo*, v. 21, n. 1. 2017.

BUTTIMER, Anne. Social Space and the Planning of Residential Areas. *Environment and Behavior*, n. 4, p. 279-318, 1972.



- BUTTIMER, Anne. "Home-Reach-Journey". In: Moss, Pamela. *Placing autobiography in geography*. Syracuse: Syracuse University Press, 2001.
- BUTTIMER, Anne. "Torsten Hägerstrand 1916-2004". In: Lorimer, Hayden; Withers, Charles. (eds) *Geographers: Biobibliographical Studies*. London: Continuum, 2007.
- CHRISTOFOLETTI, Antônio. Temporalizando o espaço e espacializando o tempo. *Geografia*, v. 4, n. 8, 1979.
- CRESSWELL, Tim. *On the Move: Mobility in the Modern*. New York: Routledge, 2006.
- CRESSWELL, Tim. Towards a politics of mobility. *Environment and Planning D: Society and Space*, n. 28, p. 17-31, 2010.
- ELLEGÅRD, Kajsa. A time-geographical approach to the study of everyday life of individuals – a challenge of complexity. *GeoJournal* 48, p. 167–175, 1999.
- GOMES, Rafael A. A. Anne Buttimer, 1938-2017. *Terra Brasilis (online)*. 10, 2018.
- GOTTIMAN, Jean. **Megalopolis**: The urbanized Northeastern Seaboard of the United States. Cambridge: MIT Press, 1961.
- HÄGERSTRAND, Torsten. *Innovation diffusion as a spatial process*. Trans. A. Pred. Chicago: University of Chicago Press, 1967.
- HÄGERSTRAND, Torsten. What about in regional science. *Papers of the Regional science association*, v. 27. 1970.
- HÄGERSTRAND, Torsten. *Space, time and human conditions*. Dynamic allocation of urban space, ed. A. Karlqvist et. al. Lexington: Saxon House Lexington Book, 1975a.
- HÄGERSTRAND, Torsten. On the definition of migration. Yearbook of population and status Finland II. In: JONES, E. (Ed.) *Readings in social Geography*. Oxford: Oxford University Press, 1975b.
- HÄGERSTRAND, Torsten. A note on the quality of life-time. In: CARLSTEIN, T; PARKES, D.; THRIFT, N. *Timing space and spacing time*. Vol. 2. Human active and Time Geography. London: Arnold, 1978.
- HÄGERSTRAND, Torsten. Reflections on "what about people in regional science?". *Regional Science Association*, v. 66, 1989.
- HÄGERSTRAND, Torsten. Time-Geography: Focus on the Corporeality of Man, Society and Environment. In: *The Science and Praxis of Complexity*. The United Nations University, Tokyo, 1985.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Trad. Marcia Sá Cavalcanti. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2018a.
- HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. Trad. Marcia Sá Cavalcante. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaços e Conferências*. Petrópolis: Editora Vozes / Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2018b.
- HOLZER, Werther. *A Geografia Humanista: sua trajetória 1950-1990*. Londrina: Eduel, 2016.
- JACOBS, Jane. *The Death and Life of Great American Cities*. New York: Random House, 1961.

- LENNTORP, Bo. Paths in Space-Time Environments. A Time-Geographic Study of Movement Possibilities of Individuals. *Meddelanden från Lunds*, 1976.
- LENNTORP Bo. Time-geography – at the end of its beginning. *GeoJournal*, v. 48, p. 155–158, 1999.
- LENNTORP Bo. The drama of real-life in a time-geographic disguise. *6èmes rencontres Théo Quant: nouvelles approches en géographie théorique et quantitative*, 2003
- LEVY, Jacques. Os novos espaços da mobilidade. *GEOgraphia*, v. 3, n. 6, p. 7-17, 2009.
- LYNCH, Kevin. *The image of the city*. Cambridge: MIT Press, 1960.
- MALPAS, Jeff. *Heidegger's Topology: Being, Place, World*. Cambridge: University Press, 2000.
- MARANDOLA JR., Eduardo. *Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana*. São Paulo: Blücher, 2014.
- MARANDOLA Jr, Eduardo. *Fenomenologia do ser-situado*. Crônicas de um verão tropical urbano. São Paulo: Editora UNESP, 2021.
- MOREIRA, Lisandra Espíndula; ALVES, Júlia Somberg Alves; OLIVEIRA, Renata Ghisleni de; NATIVIDADE, Cláudia. Mulheres em tempos de pandemia: um ensaio teórico-político sobre a casa e a guerra. *Revista Psicologia & Sociedade*, v. 32, 2020.
- MOREIRA, Tiago R.; MARANDOLA JR., Eduardo. As náuseas da casa, habitando-em-rede. *Pós-Limiar*, V.5, p. 1–11, 2022.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. *Genius loci*. Towards a phenomenology of architecture. New York: Rizzoli, 1979.
- PATOČKA, Jan. *Body, Community, language, world*. Trad. Erazim Kohák. Chicago: Open Court, 1998.
- PATOČKA, Jan. *The natural world as a philosophical problem*. Evanston: Northwestern University Press, 2016.
- PRED, Alan, R., O Modelo “Têmporo-geográfico” da Sociedade, de Hägestrand. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. (Org.) *Perspectivas da geografia*. São Paulo: Difel, 1982.
- PRED, Allan . "Hägerstrand matters: life(-path) and death matters—some touching remarks". *Progress in Human Geography*, v.29 (3), p. 328–332, 2005.
- RELPH, Edward. *Place and placelessness*. London: Pilon, 1976.
- SEAMON, David. *A Geography of the Lifeworld*. Movement, Rest and Encounter. London: Croom Helm, 1979.
- SEAMON, David. Lugarização vivida e a localidade do ser: um retorno à Geografia Humanística? Trad. Letícia Carolina de Pádua. *Rev. Nufen: Phenom. Interd*, v. 9(2), p. 147-168, 2017.
- SEAMON, David. Merleau-Ponty, Livre Body, and Place: Toward a Phenomenology of Human Situatedness. In: HÜNEFELDT, Thomas; SCHLITTE, Annika. (Eds.) *Situatedness and Place*. Multidisciplinary Perspectives on the Spatio-temporal Contingency of Human Life. New York: Springer, p. 41-66, 2018.

TUAN, Yi-Fu. *Topophilia: A Study of Environmental Perception, Attitudes and Values*. Cidade? Prentice-Hall, 1974.

TUAN, Yi-Fu. Place: an experiential perspective. *Geographical Review*, v. 65, n. 2, p. 151-165, 1975.

TUAN, Yi. Fu. *Space and place: the perspective of experience*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1977.

SOJA, Edward. The Political Organization of Space. *Commission of College Geography Resource Paper*, n. 8. Washington: Association of American Geographers, 1971.

URRY, John. *Mobilities*. Cambridge, Polity Press, 2007.

VAZ, Caroline Bulhões Nunes. Reflexões sobre rua: tensões entre memória e imaginação em experiências nas ruas soteropolitanas. 2022. *Tese* (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022



MOREIRA, Tiago Rodrigues; PACHECO JUNIOR, Nelson Cortes; MARANDOLA JR, Eduardo. CASA COMO LAR: ENTRE DESCANSO E MOVIMENTO. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.20, n.2, 2023, eK23023, p. 01-19.

Recebido: 05/2023

Aprovado: 06/2023